

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
Coleção Aryon Rodrigues
<http://biblio.etnolinguistica.org>

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ÁREA DE ANTROPOLOGIA)
CAIXA POSTAL 8105
01000 — SÃO PAULO, BRASIL

ARYON D. RODRIGUES

RELAÇÕES INTERNAS NA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPI-GUARANI

SÃO PAULO

1984/1985

SEPARATA DOS VOLUMES XXVII/XXVIII.

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

RELAÇÕES INTERNAS NA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA
TUPI-GUARANI

Aryon D. Rodrigues
(Depto. de Linguística, UNICAMP)

O propósito deste trabalho é apresentar uma subdivisão da família lingüística Tupi-Guarani com base no conhecimento que atualmente temos dela. Embora o conhecimento das línguas Tupi-Guarani tenha aumentado consideravelmente nos últimos 25 anos, desde a publicação de minha classificação anterior (Rodrigues 1958a, b), sobretudo devido à documentação e análise de grande número de línguas, não está entretanto ainda suficientemente desenvolvido de modo a poder-se lançar mão de todos os aspectos fonológicos, gramaticais e lexicais das diversas línguas. A maior parte dos resultados dos estudos realizados neste quarto de século continua inédita e, por isso, pouco disponível para a pesquisa comparativa. Por essa razão, a proposta aqui apresentada se baseia numa seleção limitada de elementos fonológicos e lexicais, com recurso apenas marginal a informações gramaticais, e tem caráter necessariamente provisório. Não obstante, acredito que a presente proposta oferece bastante consistência do ponto de vista da lingüística histórica e que poderá revelar-se útil como um modelo hipotético de desmembramento histórico das línguas e, em certa medida, dos povos Tupi-Guarani, a ser testado não só pelos lingüistas, mas sobretudo também pelos antropólogos, em vista de argumentos sociais e culturais.

Preliminarmente, quero referir-me brevemente às noções de parentesco lingüístico genético e de proto-língua. Duas ou mais línguas são

consideradas geneticamente aparentadas quando compartilham propriedades estruturais e lexicais tais e tantas, que, em seu conjunto, não se possam explicar nem como conseqüências independentes de princípios universais da linguagem, nem como resultado de um processo de aquisição pelos falantes de uma língua em eventual interação social com os falantes de outra; a hipótese que se põe, então, é a de que as línguas em questão sejam manifestações diferenciadas do que foi no passado uma mesma língua e que as propriedades compartilhadas sejam a herança comum conservada sem diferenciação ou apenas com diferenciações menos profundas.

Esta hipótese se baseia em duas propriedades conhecidas das línguas em geral: (a) toda língua está em constante mudança e (b) as mudanças numa comunidade lingüística não coincidem necessariamente com as mudanças em outra comunidade. Desde o momento em que uma comunidade se divide em duas, com conseqüente interrupção parcial ou total da comunicação entre os membros dos dois segmentos, começa a haver mudanças lingüísticas descoincidentes em cada um destes, as quais passam a caracterizar um processo diferencial crescente. O maior ou menor grau de diferenciação observável entre as línguas em dado momento é basicamente uma função do tempo decorrido entre o início do processo — a cisão da comunidade original — e o momento da observação. O processo de cisão pode repetir-se algum tempo depois, afetando qualquer das línguas resultantes. Os termos *dialeto*, (língua da mesma) *família*, (língua do mesmo) *tronco*, (língua do mesmo) *filo* são usados pelos lingüistas para indicar diversos graus de diferenciação. Esses termos implicam, portanto, diferentes profundidades temporais entre o momento da observação e a língua comum original tomada em consideração. Essa língua comum em cada caso considerado é o que se chama de *proto-língua*. A proto-língua de um filo tem profundidade temporal maior que a de um tronco, a profundidade temporal da proto-língua de um tronco é maior que a da proto-língua de uma família, e a profundidade temporal da proto-língua de uma família é maior que a da proto-língua de um grupo de dialetos.

Esse modelo de multiplicação de línguas por cisão de comunidades lingüísticas não esgota os casos de surgimento de novas línguas. Um caso complementar é o da interação de duas línguas numa mesma comunidade — bilingüismo — com subseqüente redução a uma só língua com propriedades dominantes de uma das duas, mas com características devidas à outra. Diferentes situações sociais podem dar lugar a uma grande variedade de relações entre duas línguas num contexto bilingüe, levando a resultados bastante diversos quando da redução do bilingüismo a uma só língua. Qualquer família lingüística pode incluir línguas que tenham resultado de um processo dessa natureza.

A classificação das línguas dos povos Tupi num tronco Tupi que abrange diversas famílias deve ser entendida como refletindo esse modelo genético. As línguas das famílias Tupi-Guarani, Tupari, Mondé, Arikém, Ramaráma, Mundurukú e Jurúna provêm de proto-línguas (Proto-Tupi-Guarani, etc.), as quais, por sua vez, são oriundas de uma proto-língua mais remota, o Proto-Tupi¹. Além das famílias mencionadas, o tronco Tupi é integrado também pelas línguas Awetí, Mawé (Sateré) e Puruborá, as quais não se filiam imediatamente a nenhuma família em particular (ou, o que no fundo é a mesma coisa, são membros únicos de três famílias adicionais).

Até agora tanto o Awetí quanto o Mawé vinham sendo incluídos na família Tupi-Guarani (Rodrigues 1958a, b, 1971). O melhor conhecimento de ambos (para o Awetí v. Emmerich e Monserrat 1972, Monserrat 1976; para o Mawé vários manuscritos de A. e S. Graham, Summer Institute of Linguistics, Brasília), deixa claro, entretanto, que são tão aberrantes, cada um a sua maneira, em relação a todas as outras línguas incluídas naquela família, que sua associação com elas deve ser procurada num outro plano. Sua exclusão da família Tupi-Guarani permite ter nesta um conjunto consideravelmente homogêneo de línguas, cuja comparação em detalhe pode ser realizada mais abrangentemente em todos os aspectos da estrutura lingüística, o que por sua vez permite empreender a reconstrução da respectiva proto-língua a partir de uma base mais sólida. Por outra parte, a inegável maior afinidade que o Awetí e o Mawé mostram com a família Tupi-Guarani deve levar à postulação de (pelo menos) uma proto-língua intermediária entre o Proto-Tupi e o Proto-Tupi-Guarani, a menos que as características tupi-guarani de qualquer deles se revele resultante de um processo de contacto lingüístico (o Mawé apresenta acentuada influência lexical da Língua Geral Amazônica, que deve ter-se desenvolvido nos séculos XVII, XVIII e XIX, mas não é seguro que suas outras características tupi-guarani sejam tão recentes; o Awetí, por sua vez, mostra influência lexical do Kamayurá, mas ainda não é possível avaliar as relações históricas entre esses dois idiomas tupi que foram encontrados no Alto Xingu).

As línguas da família Tupi-Guarani compartilham um grande número de propriedades, tanto de estrutura como de léxico. Destas seleciono algumas como diagnósticas não só para efeito de inclusão de uma língua na família, mas também para exclusão de línguas geneticamente aparentadas, porém em nível mais remoto:²

(a) Prefixos marcadores de sujeito comuns aos verbos intransitivos e transitivos em orações independentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: a- 'eu', ere- 'você', ja- 'eu e você', oro- 'eu e ele', pe- 'você e ele', o- 'ele, eles' (também 'eu, você e ele').

(b) Pronomes pessoais exprimindo possuidor, sujeito de verbos descritivos e objeto direto, assim como sujeito de verbos intransitivos em orações dependentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: (i) txé 'eu', (e) né 'você', jané 'eu e você', oré 'eu e ele', pe (ë) 'você e ele' (também atxé 'eu, você e ele').

(c) Prefixos relacionais incluindo r-, que assinala que o determinante da palavra prefixada é a palavra que a precede imediatamente, aplicável a uma classe de palavras que inclui 'olho', 'rosto', 'lábio inferior', 'sangue', 'corpo', 'folha', 'casa', 'nome'; p. ex., Tupinambá payé r-esá 'olho do pajé', xe r-esá 'meu olho').

(d) O fonema j (ou equivalentes álveo-palatais ou alveolares: tx, dj, ñ, z) em palavras como jatxý 'lua', jakú 'jacu', jy 'machado', jurú 'boca', ajurú 'papagaio', ja'é 'vasilha de barro', kujá 'mulher', júb 'amarelo', pajé 'xamã', pejú 'soprar'.

(e) O fonema tx (ou ts, s, h ou zero) em palavras como txý 'mãe', txók 'larva', -txu'u 'morder, mastigar', -waxú, -utxú 'grande', -ubitxáb 'grande, importante, chefe', txám 'corda', -etxá 'olho', txo'ó 'animai de caça'.

(f) O fonema ts (ou s, h, ou zero) em palavras como tsó 'ir', tsetá 'são muitos', otsenúb 'ele o ouve', pytsatsú 'novo', potsáng 'remédio', pyts,k 'pegar', pytsá- 'noite'.

(g) As pa'ávras itá 'pedra' e eír 'mel, abelha' com i (e não wi, r.m kwi ou ky).

(h) Vocabulário básico incluindo formas deriváveis fonologicamente de: jatxý 'lua', ybák 'céu', -atá 'fogo', jepe'áb 'lenha', ybyrá 'pau', -apó 'raiz', ka'á 'mato', -etxá 'olho', ti 'nariz, bico', jurú 'boca', namí 'orelha', jybá 'braço', poti'á 'peito', -etymã '(canela da) perna', -o'ó 'carne', abá 'pessoa. quem?', ma'é 'coisa. que?', pirá 'peixe', wyrá 'ave', kuyã 'mulher', pukú 'comprido', poráng 'bonito', -obý 'verde/azul', péb 'baixo, chato, plano', mokôy 'dois', manō 'morrer', me'éng 'dar', je'éng 'falar', apó 'fazer', atá 'andar', -epják 'ver', ma'é 'olhar'.

(i) A palavra petým (e não pé) 'fumo, tabaco' (literalmente 'tabaco plantado').

Esse conjunto de características poderia ser ampliado, mas mesmo assim restrito parece suficiente para a identificação de qualquer língua como membro da família Tupi-Guarani, assim como para a exclusão de quaisquer outras línguas. Uma enumeração ampla, ainda que não exaus-

tiva, das línguas que constituem a família Tupi-Guarani é a seguinte: Amanayé, Anambé, Apiaká, Araweté, Asurini do Tocantins (Akuáwa), Asurini do Xingu, Avá (Canoeiro), Chiriguano (Ava), Eméillon, Guajá, Guajajara, Guarani Antigo, Guarani Paraguaio, Guarayo (Guarayú), Guayakí (Aché), Horá (Jorá), Izoceño (Chané), Kaiwá (Kayová, Pãi), Kamayurá, Kayabí, Kokáma, Kokamiya (Cocamilla), Língua Geral Amazônica (Nheengatú), Língua Geral Paulista (Tupí Aulral), Mbyá (Guarani), Nandéva (Txiripá), Omágua, Parakanã, Parintintín, Sirionó, Suruí (Mujetire), Takunyapé, Tapieté, Tapirapé, Tembé, Tupí-Kawahib (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, etc.), Tupinambá, Turiwára, Urubú, Wayampí, Wayampipukú, Xetá (Serra dos Dourados).

Dentro desse conjunto de umas quarenta línguas tupi-guarani podem distinguir-se subconjuntos segundo o compartilhamento de certas propriedades mais específicas, que podemos estabelecer com referência ao Proto-Tupi-Guarani. As propriedades escolhidas são basicamente fonológicas e sua seleção se deve essencialmente à experiência pessoal do autor na observação comparativa das línguas desta família, mas também ao fato de que as propriedades mais facilmente identificáveis nos dados presentemente disponíveis³. Outras propriedades fonológicas e grande parte das propriedades gramaticais e lexicais não podem ainda ser utilizadas comparativamente para todo esse amplo conjunto de línguas, devido à insuficiência da documentação. Por exemplo, o item lexical para 'morcego' confirma a distinção entre os subconjuntos I e II: tanto no Guarani Antigo, quanto em línguas Guarani modernas, como o Guarani Paraguaio, o Mbyá e o Xetá, o morcego é designado por mopí, ao passo que no Guarayo é anyra, termo que corresponde a anyrá usado no Tupinambá do subconjunto III, no Tembé do subconjunto IV e no Parintintín do subconjunto V; anyrá ocorre também em Guarani, mas aí designa uma espécie de pássaro, situação inversa à do Guarayo, onde mopí é que é nome de pássaro. Entretanto, ainda não é possível acompanhar a distribuição desses dois nomes em todo o domínio Tupi-Guarani.

São os seguintes os sete subconjuntos propostos aqui tentativamente:

SUBCONJUNTO I

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) perda das consoantes finais;
- (b) conservação de *tx ou sua mudança em ts ou s;
- (c) mudança de *ts em h ou zero;
- (d) mudança de *pw em kw ou k;
- (e) mudança de *pj em tx ou x.

*Línguas e/ou dialetos:***Guarani Antigo****Mbyá**

Xetá (Serra dos Dourados)

Ñandéva (Txiripá)

Kaiwá (Kayová, Pãí)

Guarani Paraguaio

Guayakí (Aché)

Tapieté

Chiriguáno (Ava)

Izoceño (Chané)

Exemplos: (a) PTG *aipotár 'eu o quero', Mbyá aipotá; (b) PTG *jatxý 'lua', Mbyá djatxý; (c) PTG *otsó 'ele vai', Guarani Antigo ohó, Mbyá oó; (d) PTG *opweráb 'ele se recupera', Mbyá okwerá; (e) PTG *atsepják 'eu o vejo', Mbyá aetxá.

SUBCONJUNTO II

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) perda das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos manifestos por ts ou s;
- (c) mudança de *pw em kw ou k;
- (d) conservação de *pj;
- (e) deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba da palavra.

Línguas e/ou dialetos:

Guarayo (Guarayú)

Sirionó

Horá (Jorá)

Exemplos: (a) PTG *aipetéx 'eu bato nele', Guarayo aipéte; (b) PTG *jatxý 'lua', Guarayo játsy; (c) PTG *apweráb 'eu me recupero', Guarayo akwéra, Sirionó akéra; (d) PTG *atsepják 'eu o vejo', Guarayo atsépja; (e) PTG *pirá 'peixe', Guarayo pira.

SUBCONJUNTO III

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos manifestos como ts ou s;

- (c) conservação de *pw;
- (d) conservação de *pj;
- (e) conservação do acento.

*Línguas e/ou dialetos:***Tupinambá**

Língua Geral Paulista (Tupi Austral)

Língua Geral Amazônica (Nheengatú)

Kokáma

Kokamíya (Cocamilla)

Omágua

Exemplos: (a) PTG *aipotár 'eu o quero', Tupinambá aipotár; (b) PTG *jatxý 'lua', Tupinambá jasý; (c) PTG *otsó 'ele vai', Tupinambá osó; (d) PTG *opweráb 'ele se recupera', Tupinambá opweráb; (e) PTG *atsepják 'eu o vejo', Tupinambá aseják; (f) PTG *pirá 'peixe', Tupinambá pirá.

SUBCONJUNTO IV

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais, com ou sem modificações;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h;
- (c) mudança de *pw em kw;
- (d) mudança de *pj em tx ou ts;
- (e) mudança de *j em tx, ts, s ou z.

Línguas e/ou dialetos:

Tapirapé

Avá (Canoeiro)

Asurini do Tocantins (Akuáwa)

Suruí do Tocantins (Mujetire)

Parakanã

Guajajára

Tembé

Exemplos: (a) PTG *okér 'ele dorme', Tembé okér, Asurini do Tocantins óken, Parakanã oken; (b) PTG *jatxý 'lua', Tembé zahý, Asurini do Tocantins txahýa, Parakanã txáya, Tapirapé txáhý; (c) PTG *otsó 'ele vai', Tembé ohó, Asurini do Tocantins áha; (d) PTG *opweráb 'ele se recupera', Tembé okweráw; (e) PTG *atsepják 'eu o vejo', Tembé

aetsák, Asurini do Tocantins ^{aétxang} ~~axárag~~; (e) PTG *jakaré 'jacaré', Tembé zakaré, Asurini do Tocantins ~~txakare~~, Tapirapé txākáré.

SUBCONJUNTO V

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h ou zero;
- (c) mudança de *pw em f (bilabial);
- (d) mudança de *pj em s;
- (e) mudança de *j em dj;
- (f) marcas pronominais de 3ª pessoa masculina, feminina e plural.

Línguas e/ou dialetos:

Kayabí
Asurini do Xingu
Araweté (?)

Exemplos: (a) PTG *akér 'eu durmo', Kayabí aset, Asurini do Xingu akit; (b) PTG jatxý 'lua', Asurini do Xingu djahy; PTG *otsó 'ele vai', Kayabí oó, Asurini do Xingu aha; (c) PTG *tseapwén (ou *tseyapwán) 'cheira bem', Asurini do Xingu heafen; PTG *-akypwér 'parte de trás', Kayabí -akyfér-a 'rastró'; (d) PTG *otsepják 'ele o vê', Kayabí wesák, Asurini do Xingu oesak; (e) PTG *jakaré 'jacaré', Kayabí jakaré, Asurini do Xingu djakaré; (f) Kayabí 'nga pý 'pé dele' (homem falando), kia pý 'pé dele' (mulher falando), eẽ pý 'pé dela' (h. f.), k̄yna pý 'pé dela' (m. f.), 'ngã pý 'pés deles, delas' (h. f.), wã pý 'pés deles, delas' (m. f.).

SUBCONJUNTO VI

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h;
- (c) mudança de *pw em kw (Parintintín, Apiaká) ou em fw, f (Tupi-Kawahíb);
- (d) conservação de *pj;
- (e) conservação de *j;

(f) marcas pronominais de 3ª. pessoa masculina, feminina e plural. comuns ao homem e à mulher.

Línguas e/ou dialetos:

Parintintín (Kagwahíb)
Tupi-Kawahíb (Tupi do Machado, Pawaté, Wiraféd, etc.)
Apiaká (?)

Exemplos: (a) PTG *akér 'eu durmo', Parintintín akír; (b) PTG *jatxý 'lua', Parintintín jahý; PTG *otsó 'ele vai', Parintintín ohó; (c) PTG *tseapwén 'cheira bem', Parintintín heakwén; PTG *-akypwér 'parte de trás', Parintintín -akykwér-i 'na ausência'; (d) PTG *-epják 'ver', Parintintín -epiag; (e) PTG *jakaré 'jacaré', Parintintín jakaré; (f) Parintintín ga pý 'pé dele', hẽ pý 'pé dela', nga pý 'pés deles, delas'.

SUBCONJUNTO VII

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h ou zero;
- (c) mudança de *pw em hw ou h;
- (d) mudança de *pj em ts;
- (e) conservação de *j.

Língua:

Kamayurá

Exemplos: (a) PTG *akér 'eu durmo', Kamayurá akét; (b) PTG *jatxý 'lua', Kamayurá jaý; PTG *otsó 'ele vai', Kamayurá ohó; PTG *pytsatsú 'novo', Kamayurá pyaú; (c) PTG *-pwár 'amarrar', Kamayurá -hwat; (d) PTG *-epják 'ver', Kamayurá -etsák; (e) PTG *jakaré 'jacaré', Kamayurá jakaré.

SUBCONJUNTO VIII

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) perda parcial das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h ou zero;
- (c) mudança de *pw em kw;
- (d) mudança de *pj em s;
- (e) conservação de *j.

Linguas e/ou dialetos:

Takunyapé
 Wayampí (Oyampi)
 Wayampipukú
 Emérillon
 Amanayé
 Anambé
 Turiwára
 Guajá
 Urubú

Exemplos: (a) PTG *akér 'eu durmo', Urubú akér, Wayampí áke, PTG *potýr 'flor', Urubú putýr, Wayampí póty, Wayampipukú potyr; (b) PTG *jatxý 'lua', Urubú jahý, Wayampí jáy; PTG *otsó 'ele vai', Urubú ohó, Wayampí óo; (c) PTG *-pwár 'amarrar', Wayampí -kwa; PTG *-pópwár 'amarrar as mãos', Urubú pukwár 'amarrar'; (d) PTG *-epják 'ver', Urubú -sak, Wayampí -ésa 'achar'; (e) PTG *jakaré, 'jacaré', Urubú jakaré, Wayampí jakaré.

No subconjunto I temos uma língua documentada já há 350 anos, o Guaraní Antigo da Província de Guairá (Ruíz de Montoya 1639, 1640) e do rio Uruguai (Aragona 1979), e as diversas variedades do Guaraní moderno, nenhuma das quais se pode afirmar que seja a continuação direta daquela. Fora o Guaraní Paraguai, cujo uso se generalizou no Paraguai e no nordeste da Argentina durante o período colonial, o candidato mais provável a descendente do Guaraní Antigo parece ser o Nandéva (Txiripá, Apapokúva). O Mbyá mantém ainda hoje um traço fonológico mais conservador que o traço correspondente do Guaraní Antigo — o fonema tx, oriundo do PTG *tx, o qual é ts no Guaraní Antigo. O Xetá da Serra dos Dourados no noroeste do Paraná, embora muito diferenciado em diversas propriedades fonológicas e lexicais, está, quanto a suas características diagnósticas, ligado mais intimamente ao Mbyá (Xetá ne txó 'morderam-te', Mbyá ne txu'ú, mas Kaiwá ne su'ú, Guaraní Antigo ne tsu'ú). Já o Chiriguano mais provavelmente separou-se de um ancestral comum ao Mbyá e ao Guaraní Antigo, portanto algum tempo antes da documentação deste último. O Izoceño é um dialeto do Chiriguano falado por descendentes dos índios Chané, originalmente de língua da família Aruák. O mesmo se dá com o Tapieté, falado por um povo chaquenho provavelmente de origem Matáko. O Guayakí (Aché), mais fortemente alterado na sua estrutura gramatical, coparticipa das propriedades diagnósticas deste subconjunto, aproximando-se mais particularmente do Mbyá (Guayakí txu'ú 'morder', Mbyá txu'ú; Guayakí pytxý 'pegar', Mbyá pytxý; Guayakí raá, ráa 'levar', Mbyá araá 'eu levo', etc.)

O subconjunto II, situado tão mais ao norte do subconjunto I, compartilha com este uma grande quantidade de propriedades, mas diferencia-se em alguns traços importantes. Os mais notáveis destes são a não transformação de *ts em h e a não mudança de *pj em tx, conservadurismos que o Guarayo e o Sirionó têm em comum só com o geograficamente longínquo subconjunto III, em que se incluem o Tupinambá da costa atlântica e o Kokáma do alto Amazonas (PTG *otsó 'ele vai', Guarayo ótso, Sirionó óso, Tupinambá osó, Kokama útsu, em contraste com o Guaraní Antigo ohó, Chiriguano óho, Mbyá oó); PTG *-epják 'ver', Guarayo -épja, Sirionó -éa [proveniente intermediariamente de *-épa, com queda regular de p], Tupinambá -epják, em contraste com o Guaraní Antigo -etxág, Chiriguano -éxa, Mbyá -etxá). O Sirionó, embora fortemente alterado a ponto de justificar a hipótese que reiteradamente tem sido lavantada de tratar-se de língua falada por um povo originalmente não Tupi, que teria sido guaranizado, revela-se mais imediatamente ligado ao Guarayo, fato que casa bem com a situação geográfica dos dois. O Horá é o dialeto mais setentrional do Sirionó.

No subconjunto III, além do Tupinambá documentado nos séculos XVI e XVII (Staden 1557, Léry 1578, Anchieta 1595, Araujo 1618, etc.), acrescento as duas línguas gerais, que são suas descendentes diretas: a Paulista, que é o "Tupi Austral" de Martius (1867:99-122), e a Amazônica ou Nheengatú, melhor conhecida que aquela e ainda hoje falada (Magalhães 1876, Tatevín 1910, Stradelli 1929, Silva 1961, etc.). Acrescento também o Kokáma (com o qual o Kakamiya e o Omágua são quase idênticos) porque este, apesar de fortemente diferenciado em sua gramática, é diretamente derivável de formas como as do Tupinambá (por exemplo, Kokáma tsáiri 'raiado', Tupinambá sa'ír 'está raiado'; Kokáma tsúni 'ser preto', Tupinambá sún 'é preto'; Kokáma játsy 'lua', Tupinambá jasy; Kokáma jáu 'chaga', Tupinambá ja'ó, etc.). Como o Kokáma apresenta certas propriedades importantes não Tupi, dá a impressão de tratar-se de mais um caso de língua Tupi-Guarani adotada por um povo não Tupi. Um dos fatos mais interessantes do Kokáma a esse respeito é que ele tem diferentes pronomes pessoais segundo o sexo do falante, e em dois casos o pronome dos homens é não Tupi, ao passo que o pronome das mulheres é correlacionável com o Proto-Tupi-Guarani (e, portanto, com o Tupinambá): 'eu ♂' é ta (não Tupi), mas 'eu ♀' é étse (PTG *itsé, Tupinambá isé); 'ele/ela ♂' é úri (não Tupi), mas 'ele/ela ♀' é ái (PTG, Tupinambá *a'é, 'esse de que você fala'). Os pronomes referentes ao interlocutor têm uma só forma para os dois sexos, e essa é Tupi-Guarani: 'você' éne (Tupinambá ené), 'nós inclusivo (eu e você)' ini (Tupinambá yané), 'vocês' épe (Tupinambá pé, pe'ē). Para 'nós exclusivo' há também duas formas, mas nenhuma delas é de origem Tupi: tánu ♂, pénu ♀, em contraste com PTG *oré, Tupinambá oré.

Foi levantada a hipótese de que os Kokáma seriam um povo Tupi-Guarani oriundo do Baixo Amazonas, o qual teria migrado para o Alto Amazonas. A língua Kokáma não pode ser imediatamente associada nem com as línguas do subconjunto VIII, que mais propriamente poderia ser considerado como baixo-amazônico (ao contrário desse subconjunto o Kokáma não mudou *tx e *ts em h ou zero: Kokáma játxy 'lua', mas Turiwára jahý, Amanajé jahý, Wayampí jáy; Kokáma kwarátxi 'sol', Turiwára kwarahý, Amanajé kwarahý, Wayampí kwaráy), nem com as línguas dos subconjuntos IV (Tocantins-Araguaia), V (Médio Xingu) e VI (Tapajós-Madeira) (Tembé zahý e kwarahý, Asuriní do Xingu djahý e kwarahý, Parintintín jahý e kwarahý). Ela compartilha mais propriedades fonológicas com o Tupinambá: além do Tupinambá jasy 'lua' e kwarasy 'sol', considere-se também a manutenção da articulação labial em Kokáma tsakapyry 'depois de', e Tupinambá sakypwéri 'atrás dele', provenientes do PTG *tsakypwéri, em contraste com o Parintintín hakykwéri 'em sua ausência', o Tembé haykwé-pe, haykwér-amo 'atrás dele', etc., em que a consoante labial *p do PTG foi substituída pela consoante velar k diante de w.

Se o Kokáma tivesse evoluído mais ou menos independentemente de maiores interferências de línguas não Tupi-Guarani, ele deveria ser considerado como mais afim ao Tupinambá, mas mais conservador que este quanto a pelo menos uma propriedade do Proto-Tupi-Guarani, pois ele apresenta sistematicamente ts (ou tx diante de i) como reflexo de *tx e *ts, enquanto que o Tupinambá tem s (ou x depois de i). Entretanto, como há fortes indicações de que o Kokáma deve ter resultado da interação entre uma língua Tupi-Guarani e uma língua de outra filiação (ainda não identificada), é possível que ts (e tx) tenham substituído s (e x) por serem fonemas existentes nessa outra língua (note-se, entretanto, que o Omágua (Tessmann 1930) apresenta s e x: jáse 'lua', koaráxi 'sol'). Assim sendo, não deve desprezar-se a possibilidade de que o Kokáma resulte da migração de um povo que falasse uma língua muito mais próxima do Tupinambá.

No subconjunto IV reúnem-se o Tapirapé e o Asuriní do Tocantins, que além dos traços fonológicos mencionados acima têm outros em comum, e o Guajajara e o Tembé, que são praticamente dois dialetos de uma mesma língua. Incluo também o Avá ou Canoeiro: registro feito há poucos anos (1974) por Harrison (ms.) de uma amostra de sua língua, embora limitado, é suficiente não só para sugerir sua associação com este subconjunto, mas sobretudo para rejeitar a velha hipótese segundo a qual os Avá seriam descendentes de índios Karijó levados de São Paulo a Goiás por uma bandeira. A manutenção sistemática das consoantes finais exclui a possibilidade de tratar-se de uma língua do subconjunto I (Guarani): PTG *okér 'ele dorme', Avá óker, Asuriní do Tocantins óken, mas Guarani oké; PTG *amán 'chuva', Avá áman, Asuriní

do Tocantins ámyñ, mas Guarani amã; PTG *mani'óka 'mandioca', Avá mánióka, Asuriní do Tocantins mani'anga, mas Guarani mani'ó; PTG *jawár 'onça', Avá txáwar 'cachorro', Asuriní do Tocantins ixawar-, mas Guarani djagwá; PTG *jepe'áb 'lenha', Avá txepéaw, mas Guarani djepe'á.

Além da manutenção das consoantes finais (e também do sufixo nominativo -a, que se vê acima em mánióka e que aparece também em outros nomes, como mbóya 'cobra', óka 'casa'), o Avá tem em comum com o Asuriní do Tocantins e o Tapirapé também a mudança de *j em tx (Tapirapé txáwără 'cachorro', txepé'awá 'lenha') e com o mesmo Asuriní o deslocamento do acento para a esquerda, fatos fonológicos pelos quais também se distingue do Guarani (particularmente dos dialetos orientais do Guarani, entre os quais se acharia o Karijó; os dialetos ocidentais, do Chaco boliviano, como o Chiriguano, também apresentam o acento deslocado para a esquerda). Enquanto no Guarani *tx do PTG é tx, ts ou s (conforme o dialeto: Mbyá djatxy, Guarani Antigo jatsy, Guarani Paraguaio djasý), no Avá ele se converte em zero, oriundo de h, como em Asuriní do Tocantins e em Tapirapé: Avá txáy 'lua', Asuriní do Tocantins txahy-, Tapirapé txähý.

A suposição de que a língua dos Canoeiros ou Avá seria um dialeto Guarani e confirmaria a hipótese de que os Canoeiros seriam descendentes de Karijó fugidos para o sertão foi manifestada primeiro por Couto de Magalhães em 1863, ao publicar umas cinquenta palavras daqueles índios (Magalhães 1946:100-101); depois foi reapresentada por Nimuendajú (1914) e por Rivet (1924), com base nos mesmos dados de Couto de Magalhães. Visto que mais de cem anos se passaram do registro de Couto de Magalhães até o (re)descobrimto dos atuais Avá e o registro de Harrison, poderia pensar-se que talvez os Canoeiros referidos no século passado não sejam os mesmos que os atuais Avá. Um confronto da lista de palavras de Couto de Magalhães com a de Harrison fala, entretanto, em favor de uma identidade. Também em Couto de Magalhães aparecem palavras mantendo as consoantes finais e o sufixo nominativo; ará 'sol' (Harrison ár), ocá 'casa' (Harrison óka), uvá 'flecha' (cf. Asuriní do Tocantins o'ywa). Para a 'banana' o Avá (Harrison) tem um nome que não se encontra em outras línguas: maéapar (o que significa literalmente 'coisa recurvada'); pois esse mesmo nome já aparece na lista de Couto de Magalhães: manapary (em que n deve ser erro tipográfico por e). Também o nome para 'machado' tem uma forma característica no Avá atual, txywár (da raiz PTG *jý), a qual igualmente já se encontra naquela velha lista: dgigua (uma aproximação gráfica de djywá (r)). Concluímos que a língua dos Canoeiros de Couto de Magalhães era essencialmente a mesma que a dos atuais Avá, a qual é nitidamente distinta dos dialetos Guarani, entre os quais se situaria a língua dos antigos Karijó.

Uma outra hipótese que poderia ser aventada é a de que os Karijó incorporados às bandeiras nos séculos XVII e XVIII não falassem mais seu dialeto Guarani, mas usassem a Língua Geral Paulista ("Tupi Austral"), a qual, como vimos, descendia do Tupinambá. Esta hipótese não encontra, porém, apoio nos dados fonológicos e lexicais, que não permitem identificar os Avá como falantes de uma língua vinculada diretamente ao Tupinambá. Note-se também que a ocorrência de um novo nome descritivo para a 'banana' (ma'eapar 'coisa recurvada') e a ausência do nome (comparativo) dado pelos Tupinambá a essa fruta importada (pakóbá) parecem confirmar que os Avá não representam uma tradição Tupinambá ou de Língua Geral.

No subconjunto V pusemos o Kayabí, o Asuriní do Xingu e, tentativamente (por falta de dados), o Araweté. Esta associação do Asuriní do Xingu com o Kayabí se funda sobretudo no compartilhamento de *pj → s e de *pw → f e na presença em Asuriní do Xingu do pronome ga 'ele' (possivelmente também e 'ela, mas traduzido por 'ele' nos poucos exemplos disponíveis, Nicholson 1982), que corresponde ao Kayabí nga 'ele' (e eẽ 'ela'). Estas línguas são únicas em compartilhar essas três propriedades. *pw → f ocorre também em parte do subconjunto VI (no Tupi-Kawahib, mas não no Parintintín nem no Apiaká), mas aí não ocorre *pj → s. Os pronomes de 3a. pessoa, masculino, feminino e plural, ocorrem também no subconjunto VI, inclusive no Parintintín; mas, enquanto neste último há um só conjunto de pronomes de 3a. pessoa (ga 'ele', hẽ 'ela', nga 'eles, elas'), no Kayabí há dois conjuntos paralelos, um para os falantes de cada sexo (nga 'ele', eẽ 'ela', ngã 'eles, elas' usados por pessoas do sexo masculino e kĩa 'ele', kĩa 'ela', wã 'eles, elas' usados por pessoas do sexo feminino). O subconjunto V difere do subconjunto IV não só pela inexistência neste de pronomes de 3a. pessoa com distinção de sexo e número e pelo diferente tratamento de *pw (kw em IV, mas f em V) e de *j (tx, ts, ou z em IV, mas dj em V), mas também por outras diferenças fonológicas (p. ex., o Kayabí e o Asuriní do Xingu não nasalizam as consoantes finais, ao contrário do que faz o Asuriní do Tocantins e, em parte, o Tapirapé: A. X. hakop 'está quente', A. T. hakom; A. X. omonyk 'ele sopra o fogo', A. T. omonyng; A. X. opotat 'ele o quer', A. T. opotan, Tapirapé apatã). Por outra parte, há alguns fenômenos fonológicos que são comuns especificamente ao Asuriní do Xingu (não ao Kayabí) e a línguas do subconjunto IV (p. ex., o abaixamento das vogais posteriores do PTG, mudando *u em o e mudando *o em a; enquanto o abaixamento de *u é geral nessas línguas, o de *o → a é geral no Tapirapé, mas se limita às sílabas acentuadas orais em Asuriní do Tocantins e Asuriní do Xingu: PTG *ajurú 'papagaio', Tapirapé ãxoró, A. T. atxoro-hoa, A. X. ajoro-a; PTG *pó 'mão', Tapirapé pá, A.

T. pa, A. X. pa; PTG *opotár 'ele o quer', Tapirapé apatã, A. T. opotan, A. X. opotat.

O subconjunto VI está constituído pelo Parintintín e pelo grupo de dialetos conhecido como Tupi-Kawahib, Tupi do Machado ou Parana-wát, assim como pelo Apiaká. O Parintintín é praticamente idêntico às línguas dos Júma e dos Tenharim. Na fonologia são muito semelhantes as línguas do subconjunto VI, mas o Apiaká apresenta z em todas as ocorrências de *j do PTG diante de vogal, e o Tupi-Kawahib tem f (bilabial) como reflexo do PTG *pw, ao passo que o Parintintín e o Apiaká têm kw: Tupi-Kawahib kyféra 'atrás' (Rondon e Faria 1948), Parintintín -akykwéri 'ausência', oriundos de *-akypwéra e *-akypwéri, respectivamente; Tupi-Kawahib fã 'dedo' (Koch-Grünberg 1932), de *pwã (neste caso o Parintintín não tem kwã como, p. ex., o Guarani, mas puã, provavelmente por influência da palavra pó 'mão'). Em Tupi-Kawahib também *p muda em f diante de u: fuká 'rir' (Rondon e Faria 1948), de *puká, Parintintín puká.

O subconjunto VII difere dos subconjuntos V e VI especialmente por não ter desenvolvido a série de formas pronominais para a 3a. pessoa, para distinguir masculino, feminino e plural. Fonologicamente são muito semelhantes, o que levou Nimuendajú (1948:313) a declarar que o Kayabí, o Apiaká, o Kawahib e o Kamayurá diferem muito pouco. Entretanto, este último difere das línguas dos subconjuntos V e VI também no tratamento das seqüências de fonemas *pw e *pj do PTG. No Kamayurá o *p foi substituído por h diante de w, o que se deu também diante do u: Kamayurá hwã 'mão' (proveniente de *pwã 'dedo'), hweráp 'ressuscitar' (de *pweráb 'recuperar-se'), hukú 'comprido' (de *pukú) (cf. Parintintín puã, kweráp, pukú).

Por fim, o subconjunto VIII se distingue do subconjunto VII principalmente pela perda das consoantes finais e pela mudança de *pw em kw. O Wayampí, o Wayampipukú e o Eméillon, embora estabelecidos no Amapá e na Guiana Francesa, migraram em tempos históricos para essa área ao norte do rio Amazonas, seguindo o vale do rio Jari; no século XVII achavam-se índios Wayampí ainda no baixo Xingu (Métraux 1927, Nimuendajú 1980). Os Urubú e Guajá, hoje no Maranhão, possivelmente se situaram mais a oeste nos séculos passados.

A perda das consoantes finais do PTG afeta essas línguas em diferentes graus. O Wayampí perdeu sistematicamente todas as consoantes finais, ao passo que o Wayampipukú conservou regularmente a consoante r e perdeu as demais; já o Urubú perdeu em regra só a bilabial *b e a velar *ng, tendo conservado todas as outras consoantes: PTG *kýb 'piolho', Wayampí ky, Wayampipukú ky, Urubú ky; PTG akáng 'cabeça', Wayampí ákã, Wayampipukú akã, Urubú akã; PTG *pétým 'fumo',

Wayampí pety, Wayampikú pety, Urubú pytým; PTG *maníók 'mandioca', Wayampí mani'o, Wayampipukú mani'o, Urubú mani'ók; PTG *pírwér 'pele tirada do corpo', Wayampí píre 'pele', Wayampipukú pírer, Urubú pírer.

Os subconjuntos acima delineados constituem não propriamente uma classificação interna da família lingüística Tupi-Guaraní, mas antes um ensaio de discriminação de seções dessa família caracterizadas pelo compartilhamento de algumas propriedades lingüísticas, as quais podem servir para diagnosticar o desmembramento de todo o conjunto de línguas Tupi-Guaraní visto como resultante histórico de uma proto-língua pré-histórica. Embora uma melhor caracterização desses subconjuntos requeira o recurso a maior número de propriedades lingüísticas, gramaticais e lexicais, acredito que, enquanto não se faz um acúmulo maior de dados e não se elaboram mais detalhes, o quadro aqui delineado permite tanto entrever algumas afinidades maiores que podem ou não correlacionar-se com afinidades estabelecidas por critérios não lingüísticos, quanto pôr em questão algumas hipóteses gerais ou particulares presentes na literatura sobre a história e a pré-história dos povos Tupi-Guaraní. Este é o caso de hipóteses tais como a da origem Karijó (Guaraní) dos Avá (Canoeiros) (Rivet 1924), a da origem Tamóyo (Tupinambá) dos Tapirapé (Kissenberth 1916, Métraux 1927), a da origem Tupinambá dos Kawahíb e dos Urubú (Kracke 1978:7), ou a da origem Guaraní dos Guaráyo (Métraux 1942:96) e dos Sirionó (Holmberg 1969:10-11).

Também as propostas de classificação das línguas e povos Tupi-Guaraní baseadas em hipotéticos movimentos migratórios pré-históricos, como as de Loukotka (1950) e Susnik (1975), podem ser confrontadas com o desmembramento em subconjuntos aqui sugerido e questionadas quanto a sua compatibilidade com a distribuição das propriedades lingüísticas aqui consideradas.

NOTAS

(1) — Algumas reconstruções de palavras do Proto-Tupí publiquei em Hanke, Swadesh e Rodrigues 1958; algumas outras em Rodrigues 1966 e 1980.

(2) — Para facilitar a composição tipográfica, evita-se neste trabalho o emprego de alguns símbolos fonéticos não disponíveis. Para tanto, adotaram-se as seguintes convenções: y é usado para a vogal alta central não arredondada; j para o i assilábico, assim como para a fricativa álveo-palatal sonora; dj para a africada álveo-palatal sonora; x para a fricativa álveo-palatal surda; ts para a africada alveolar surda; tx para a africada álveo-palatal surda; ng para a nasal velar; b para a fricativa bilabial sonora; f para a fricativa bilabial surda; para a oclusiva glotal. Um asterisco (*) marca, como é usual, fonemas e palavras reconstruídos de uma proto-língua.

(3) — Algumas dessas propriedades já foram utilizadas em ensaio que elaboramos com Miriam Lemle em 1966-1967 (Lemle 1971), no qual foi feita a reconstrução de apreciável número de palavras do Proto-Tupí-Guaraní, mas com base num número bem menor de línguas.

BIBLIOGRAFIA

- ANCHIETA, Joseph de. 1595. *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Coimbra. (Tupinambá).
- ARAGONA, Alonso de. 1979. Breve introducción para aprender la lengua Guaraní. Presentación, edición y notas por Bartomeu Meliá. *Amerindia, Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne*. 4:23-61. (Guaraní Antigo).
- ARAUJO, Antonio de. 1618. *Catecismo na lingoa brasilica*. Lisboa. (Tupinambá).
- BENDOR-SAMUEL, David. 1972. *Hierarchical structures in Guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistics. (Guajajára).
- BETTS, LaVera. 1981. *Dicionário Parintintín-Português, Português-Parintintín*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Parintintín).
- BOUDIN, Max H. 1963. *O simbolismo verbal primitivo: análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani*. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. (Tembé).
- . 1966. *Dicionário de Tupi moderno (dialeto tembé-tênêthêhar do alto Gurupi)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. (Tembé).
- BRIDGEMAN, Loraine I. 1961. Kaiwa (Guaraní) phonology. *International Journal of American Linguistics* 27:329-34. (Kaiwá).
- . 1981. *O parágrafo na fala dos Kaiwa-Guaraní*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Kaiwá).
- COUDREAU, Henri. 1892. *Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Aparai, Oyampi, Emérillon*. Bibliothèque Linguistique Américaine 15. Paris. (Wayampí, Emérillon).
- . 1897. *Voyage au Tapajoz*. Paris. (Apiaká).
- DOBSON, Rose. 1973. *Notas sobre substantivos do Kayabí*. Série Lingüística 1:30-56. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Kayabí).
- . 1976. *Repetição em Kayabí*. Série Lingüística 5:83-105. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Kayabí).
- DOOLEY, Robert A. 1982. *Vocabulário do Guaraní: vocabulário básico do Guaraní contemporâneo (dialeto Mbüa do Brasil)*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Mbyá).
- EHRENREICH, Paul. 1895. *Materialien zur Sprachkunde Brasiliens, IV: Vocabulare der Guajajara und Anambé (Para)*. *Zeitschrift für Ethnologie* 27:163-8. (Guajajára e Anambé).

- EMMERICH, Charlotte, e Ruth M. F. Monserrat. 1972. Sobre a fonologia da língua Awetí (Tupí). *Boletim do Museu Nacional*, nova série, Antropologia 25. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Awetí).
- FAUST, Norma. 1959. *O sistema fonêmico do Kokama*. Série Lingüística Especial 1:10-75. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Kokáma).
- . 1972. *Gramática Cocama: lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano. (Kokáma).
- FIRESTONE, Homer L. 1965. *Description and classification of Sirionó, a Tupí-Guaraní language*. Haia: Mouton. (Sirionó, Horá, Chiriguáno).
- GREGORES, Ema, e Jorge A. Suárez. 1968. *Colloquial Guaraní*. Haia: Mouton. (Guaraní Paraguayo).
- HANKE, Wanda, Morris Swadesh e Aryon D. Rodrigues. 1958. Notas de fonologia Mekens. *Miscellanea Paul Rivet* 2:187-217. México.
- HARRISON, Carl H. 1971. *The morphophonology of Asuriní words*. Tupí Studies (D. Bendor-Samuel, ed.) 21-71. Norman: Summer Institute of Linguistics. (Asuriní do Tocantins).
- . 1975. *Gramática Asuriní*. Série Lingüística 4. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Asuriní do Tocantins).
- HOELLER, Alfredo. 1932a. *Grammatik der Guarayo-Sprache*. Guarayos (Dep. de S. Cruz de la Sierra) /Hall in Tirol. (Guarayo).
- . 1932b. *Guarayo-Deutsches Wörterbuch*. Guarayos (Dep. de S. Cruz de la Sierra) /Hall in Tirol. (Guarayo).
- HOLMBERG, Allan R. 1969. *Nomads of the long bow: the Sirionó of Eastern Bolivia*. Garden City: The Natural History Press.
- JENSEN, Cheryl. 1984. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampí*. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas. (Wayampí, Wayampikukú).
- KAKUMASU, James Y. 1976. *Gramática gerativa preliminar da língua Urubú*. Série Lingüística 5:171-97. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Urubú).
- KISSENBERTH, Wilhelm. 1916. *Beitrag zur Kenntniss der Tapirapé-Indianer* Baessler-Archiv VI, Heft 1/2. Leipzig/Berlin.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 1932. Wörterlisten "Tupy", Maué und Puruborá. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 24:31-50. (Tupí-Kawahib).
- KRACKE, Waud H. 1978. *Force and persuasion: leadership in an Amazonian society*. Chicago: The University of Chicago Press.

- LARAIA, Roque de Barros, e Roberto da Matta. 1967. *Índios e Castanheiros*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. (Suruí).
- LEITE, Yonne F. 1977. *Aspectos da fonologia e morfofonologia Tapirapé*. Lingüística VIII. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Tapirapé).
- LENLE, M. 1971. *Internal class. of the Tupi-Guaraní ling. family*. *Tupí Studies I* (D. Bendor-Samuel, ed.), 107-29. Norman: SILL.
- LÉRY, Jean de. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique*. La Rochelle. (Tupinambá).
- LOUKOTKA, Cestmír. 1950. *Les langues de la famille Tupi-Guarani*. Boletim nº 16 de Etnografia e Língua Tupi-Guarani da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MAGALHÃES, J. V. Couto de 1876. O selvagem: I, Curso de lingua geral segundo Ollendorf compreendendo o texto original de lendas tupis. II, Origens, costumes, região selvagem... Rio de Janeiro. (Língua Geral Amazônica).
- . 1946. *Viagem ao Araguaia*. São Paulo: Editora Nacional. (Avá).
- MARTIUS, Karl Friedrich Ph. von. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde Amerika's zumal Brasiliens*. Band II: Zur Sprachkunde. Leipzig. (Língua Geral Paulista).
- MAYNTZHUSEN, F. C. 1919-1920. *Die Sprache der Guayaki*. *Zeitschrift für Eingeborenen Sprachen* 10:2-22. (Guayakí).
- MÉTRAUX, Alfred. 1927. Migrations historiques des Tupi-Garani. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 19:1-45.
- . 1942. *The native tribes of Eastern Bolivia and Western Matto Grosso*. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 134. Washington, D. C.: Government Printing Office.
- MONSERRAT, Ruth M. Fonini. 1976. *Prefixos pessoais em Awetí*. Lingüística III. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Awetí).
- NICHOLSON, Velda. 1978. *Aspectos da língua Asuriní*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Asuriní do Tocantins).
- . 1982. Breve estudo da língua Asuriní do Xingu. *Ensaio Lingüísticos* 5. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Asuriní do Xingu, Asuriní do Tocantins).
- NIMUENDAJÚ, Curt. 1914a. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní. *Zeitschrift für Ethnologie* 46:284-403. (Ñandéva).
- . 1914b. Vocabulários da Língua Geral do Brasil nos dialetos dos Manajé do rio Ararandéua, Tembé do rio Acará Pequeno e Turiwára do rio Acará Grande, Est. do Pará. *Zeitschrift für Ethnologie* 46:615-18. (Amanayé, Tembé, Turiwára).

- 1932. Idiomas indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología* 2:543-618. Tucuman: Universidad Nacional de Tucuman. (Takunyapé).
- /i — 1948. The Cayabí, Tapanyuna, and Apiacá. *Handbook of South American Indians* (Julian H. Steward, ed.) (Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143) 3:307-20. Washington, D. C.: Government Printing Office.
- 1980. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Brasília: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- OLSON, Gary. 1978. Descrição preliminar de orações Wajapi. *Ensaios Lingüísticos* 3. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Wayampí).
- OLSON, Roberta. 1978. *Dicionário por tópicos nas línguas Oiapiti (Wajapi)-Português*. Ensaios Lingüísticos 2. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Wayampí).
- RIVET, Paul. 1924. Les indiens Canoeiros. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 16:169-82. (Avá).
- RODRIGUES, Aryon D. 1953. Morfologia do verbo Tupi. *Letras* 1:121-52. Curitiba. (Tupinambá).
- 1955. Morphologische Erscheinungen einer Indianersprache. *Münchener Studien zur Sprachwissenschaft* 7:79-88. (Tupinambá).
- 1958a. *Die Klassifikation des Tupí-Sprachstammes*. Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists, Copenhagen 8-14 August 1956, pp. 679-84. Copenhagen: Munksgaard. (Tradução: Classificação do tronco lingüístico tupi. *Revista de Antropologia* 12:99-104. 1964).
- 1958b. Classification of Tupi-Guarani. *International Journal of American Linguistics* 24:231-4.
- 1959. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Dissertação de doutorado. Universidade de Hamburgo. (Tupinambá).
- 1966. Classificação da língua dos Cinta-Larga. *Revista de Antropologia* 14:27-30.
- 1970. Línguas ameríndias. *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, pp. 4034-36. Rio de Janeiro: Delta.
- 1978. A língua dos índios Xetá como dialeto Guaraní. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 1:7-11. (Xetá).
- 1980. Tupi-Guarani e Mundurukú: evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético. *Estudos Lingüísticos* (Anais de Seminários do GEL) 3:194-209.
- RODRIGUES, Daniele M. Grannier. 1974. *Fonologia do Guaraní Antigo*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas. (Guaraní Antigo).

- 1932. Idiomas indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología* 2:543-618. Tucuman: Universidad Nacional de Tucuman. (Takunyapé).
- /i — 1948. The Cayabí, Tapanyuna, and Apiacá. *Handbook of South American Indians* (Julian H. Steward, ed.) (Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143) 3:307-20. Washington, D. C.: Government Printing Office.
- 1980. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Brasília: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- OLSON, Gary. 1978. Descrição preliminar de orações Wajapi. *Ensaios Lingüísticos* 3. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Wayampí).
- OLSON, Roberta. 1978. *Dicionário por tópicos nas línguas Oiapiti (Wajapi)-Português*. Ensaios Lingüísticos 2. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Wayampí).
- RIVET, Paul. 1924. Les indiens Canoeiros. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 16:169-82. (Avá).
- RODRIGUES, Aryon D. 1953. Morfologia do verbo Tupi. *Letras* 1:121-52. Curitiba. (Tupinambá).
- 1955. Morphologische Erscheinungen einer Indianersprache. *Münchener Studien zur Sprachwissenschaft* 7:79-88. (Tupinambá).
- 1958a. *Die Klassifikation des Tupí-Sprachstammes*. Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists, Copenhagen 8-14 August 1956, pp. 679-84. Copenhagen: Munksgaard. (Tradução: Classificação do tronco lingüístico tupi. *Revista de Antropologia* 12:99-104. 1964).
- 1958b. Classification of Tupi-Guarani. *International Journal of American Linguistics* 24:231-4.
- 1959. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Dissertação de doutorado. Universidade de Hamburgo. (Tupinambá).
- 1966. Classificação da língua dos Cinta-Larga. *Revista de Antropologia* 14:27-30.
- 1970. Línguas ameríndias. *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, pp. 4034-36. Rio de Janeiro: Delta.
- 1978. A língua dos índios Xetá como dialeto Guaraní. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 1:7-11. (Xetá).
- 1980. Tupi-Guarani e Mundurukú: evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético. *Estudos Lingüísticos* (Anais de Seminários do GEL) 3:194-209.
- RODRIGUES, Daniele M. Grannier. 1974. *Fonologia do Guaraní Antigo*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas. (Guaraní Antigo).
- RONDON, Cândido M. S., e João Barbosa de Faria. 1948. *Glossário geral das tribos silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios. (Tupí-Kawahí).
- RUIZ (de Montoya), Antonio. 1639. *Tesoro de la lengua Guaraní*. Madri. (Guaraní Antigo).
- 1640. *Arte, y vocabulario de la lengua Guaraní*. Madri. (Guaraní Antigo).
- SAELZER, Meinke. 1976. *Fonologia provisória da língua Kamayurá*. Série Lingüística 5:131-70. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Kamayurá).
- SCHERMAIR, Anselmo. 1957. *Vocabulario Sirionó-Castellano*. Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft, Sonderheft 5. Innsbruck. (Sirionó).
- SCHMIDT, Max. 1937. Los Tapietés. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay* 4 (2): 36-67. (Tapieté).
- 1938. Los Chiriguano e Izoós. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay* 4 (3): 1-115. (Chiriguano, Izoceño).
- SCHUCHARD, Barbara. 1979. *Nande Nê: Gramática Guaraní para castellano hablantes*. Santa Cruz de la Sierra. (Chiriguano, Izoceño).
- SILVA, Alcionilio B. Alves da. 1961. *Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi*. São Paulo. (Língua Geral Amazônica).
- SILVA, Márcio Ferreira da. 1981. *A fonologia segmental Kamayurá*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas. (Kamayurá).
- STADEN, Hans. 1557. *Wahraftig' Historia und Beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt America gelegen...* Marburg. (Tupinambá).
- STRADELLI, Ermaro. 1929. *Vocabularios da lingua geral portuguez-nheengatú e nheengatú-portuguez, precedidos de um esboço de grammatica nheengatú-umbuê-sáua miri e seguidos de contos em lingua geral nheengatú poranduaa*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 104, vol. 158, pp. 9-768. (Língua Geral Amazônica).
- SUSNIK, Branislava. 1975. *Dispersión Tupí-Guaraní prehistórica: ensayo analítico*. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- TATEVIN, C. 1910. *La langue Tapihiya dite Tupi ou Neengatu (Belle Langue): grammaire, dictionnaire et textes*. Kaiserliche Akademie der Wissenschaften, Schriften der Sprachkommission, Band II. Viena. (Língua Geral Amazônica).
- TESSMANN, Günther. 1930. *Die Indianer Nordost-Perus*. Hamburg: Cram, De Gruyter & Co. (Kokáma, Kokamiya, Omágua).
- VELLARD, J. 1934. Les indiens Guayakí. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 26:223-92, 27:175-244. (Guayakí).